

A CHRYSALLIDA

Periodico da Mocidade Estudiosa do Lyceu Cuyabano

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. II

Cuyabá, 15 de Maio de 1926

ANNO I

Um novo Gremio

A mocidade é como a flor desabotoando as corollas perfumadas do beijo morno da luz de um sol de primavera.

O que é bella encanta, o que é grandioso a empolga; por isso, não poderia quedar-se alheia ao movimento que se opera agora, na historia da nossa intellectualidade.

Como que buscando forças na communhão das idéas, congregam-se as varjas camadas intellectuaes na colmeia de uma aggremação e de lá espalham ras anteras do pensamento o polen aurifulgente da arte e da belleza.

O Centro de Letras é o Olympo, onde os deuses se reúnem a librar o doce nectar da "immortalidade".

O Gremio Julia Lopes é o jardim sempre estrellado de "violetas", que as mãos de generosas jardineiras cultiyam.

O Gremio Castro Alves, o ninho de aguias arrojadas que distendem o vôo na aventura idealistica ao sol da gloria, com este mesmo anseio com que a juventude sonha, aspira e avança.

O primeiro é comprehendido, (não diremos pelos velhos) mas, pela maturidade; o segundo pelo bello sexo; o terceiro, pelos «novos», no periodo de iniciação; preciso se tornava fundar outra associação em que se despertassem aptidões ainda adormecidas na infancia e na propria adolescencia.

Assim é que, para fechar o cyclo, cogita-se de fundar o Lyceu, um novo gremio e cuja primeira reunião annuncia-se para o dia 16, as 9 horas, tendo já

sido convidados para ella todos os alumnos.

Os beneficios que esta sociedade prestará estão ao alcance de todas as intelligencias avaliar, pelo que, não se torna necessario encarecer nas breves linhas desta apressada chronica.

Renuncia

Triste e pensativo, subia vagarosamente a doce collina Ruinas humildes e quasi totalmente arrasadas. Restos de formosos jardins, exhalavam agradável perfume.

Tudo em montões, o que fora hante n castello orgulhoso e afamado.

A lua deslizava resplandecente n'uma apothose feérica, que a alma mais insensivel não sabia resistir.

Doçura luminosa descia maravilhando as ruinas.

Nenhuma aragem, por mais debil que fosse baloiçava a folhagem prateada. Mudez eterna das catacumbas! Num lago, ao longe, pares amorosos, que o luar aveludava, entoava cavatinas romanticas. Sonhava!

Timidos, tristes e fugazes, eram meus sonhos de ventura. Depois de alguns momentos alegres, chegava ao cimo da collina. Sob a penumbra duma arvore, deparei-me um vulto de mulher. Aproximei-me e vi então, a figura triste de uma moça que chorava.

Qual junco florido em plena primavera, olhos pretos e brilhantes, cabelos negros e sedosos, olhar doce e terno, era a encarnação perfeita da dor e da belleza. Interroguei a

Como não me respondesse, alli deixei-me ficar, sem perturbar o seu silencio, que a sombra das arvores torna á noite mais deserto e sombrio Silencio geral! Somentelá embaixo as notas vibrantes d'um bandolim gemente tremulava na quietude da noite.

Instante depois, fallou-me: apesar de interromper o curso das minhas idéas, despertando-me, faz-me um grande bem, porque antes de levar á effeito a minha ultima renuncia, preciso dizelhe donde venho e para onde vou. Escute-me. Chamo-me Lúcia.

Valencia é a immorredoura terra em que nasci.

Contava apenas 14 primaveras quando fiquei orphã. Entrei para a vida. Lutei e triumphei. Sonhei uma vida melhor. Parti para Sevilla, esse sempre florido e perfumado jardim da Andaluzia. Foi lá que conheci Ricardo, quando, casualmente, passeava em um dos seus parques em plena primavera. Amei-o!... Sim. Amei-o! Pareceu-me mais bello que outro homem qualquer. Era a figura de um cavalleiro delégenda.

Descerá-se a vida para o amor. Parecíamos um casal de operarios bellos e felizes em plena lua de mel. Dias sobre dias se passaram. Uma bella tarde cheia de sol, partiu rumo á America, abandonado-me ao soffrimento. Vi os seus olhos, mas não o seu coração.

Illudi-me mais uma vez!

Que tenho mais a fazer, quando para mim são nulos os prazeres mundanos e o véo do desprezo ennegrece o meu coração?

Morta ou viva não posso deixar de amá-lo. Já soffri bastante, parto para o desconhecido ou

para o ignorado. Adeus!... O seu vulto desapareceu na sombra do bosque. Uma nuvem cobria o rosto do luar, e a pancada monótona do bronze, quebrava a tranquillidade da noite. Era uma hora.

Depois de alguns momentos angustiosos despertei-me do pesadelo.

Thylso Castellemar

Uma caçada infeliz

Sobre uma cerulea montanha onde a aurora enrubece com seu beijo de vida as maravilhas silvestres, onde o sol vem desfazer a geada do alcantil no seu oscular de fogo, existia um poetico povoadosinho em cujo ambiente parecia pairar a felicidade. A uma certa distancia, estava collocada a solitaria ermida, sobre a qual as andorinhas vinham no alvorecer tomar o seu banho de luz. Vivia ao lado dessa ermida numa casinha de palha um agricultor que tinha, como unica companheira, uma filhinha de 8 ou 9 primaveras e que era orphã de mãe. Uma noite o pobre homem a convite de uns amigos, foi fazer uma caçada. No céu, a sublime confidente dos amores peregrinava, e por entre os pinheiraes, ouvia-se o barulho lamentoso do vento e o pio funebre do mocho occulto na floresta. Após algum tempo, internaram-se pela veiga, procurando um lugar onde pudessem ficar à espera da presa. Um dos companheiros resolveu abandonar o grupo, porem, como avistasse qualquer indicio de casa, voltou agachado pelos capinzaes para se reunir aos outros. Derepente ouve-se um estampido. Era o pobre serrano que acabava de matar o seu amigo. Como reparar aquella desgraça? Pensou no suicidio, mas, a lembrança da filha o susteve. Envolto no manto andrajoso do remorso, desmaiava su'alma ébria de desespero e, muitas vezes, num gesto de loucura, deixava escapar um riso de agonia e murmurava sombrio: meu Deus! sou mesmo assassino? Não!... não o creio. O prado galvanizado de prata margeava um sonoro ribeiro que deslizando docemente murmurava uma queixa, parecendo chorar aquelle acontecimen-

to. Tomando uma resolução foi até a casa, onde verificou depois de minuciosa pesquisa o desaparecimento da filhinha. Perdidas as esperanças de vê-la, de voltar a sua primitiva felicidade, vendo por terra o castello doirado das suas illusões e perseguido pela policia resolveu se alistar nas fileiras dos salteadores de estrada. Os dias precipitavam-se uns após outros no declínio interminavel do tempo. Custou muito aclimatar-se com aquella vida que a necessidade lhe impunha. Prudente e corajoso, fizeram-no capitão de bandidos. Passaram-se 9 annos. Era no mez de... celebrava-se uma das ceremonias religiosas naquella cidadella, que apresentava um aspecto mais alegre.

A voz melancolica do sino perdia-se na veiga, onde as sensitivas adormeciam commovidas. Ia começar a reza e ali estavam todos os habitantes do logar. De volta da igreja, uma mocinha caminhava sosinha e apres-

VULCÃO EM ERUPÇÃO

II

Lava cor de rançor

Tudo o que Dante ouvira e presenciara aflito,
Nas plagas infernaes, dos fogos e dos brados:
—As queixas a milhões dos pobres condenados,
—E o grito do Caronte—o amaldiçoado grito;

Todas as retidões dos corações gelados,
Dos duros corações de ferro e de granito;
Todas as repulsões e o rançor do infinito;
E olhar da natureza e as maldições dos fados;

Como uma chama nua envolta em tua vida
E no teu coração traidor e momentâneo
A triturar-te a carne e a espedaçar-te o crâneo,

Tudo, tu sentirás em ti arrependida,
Quando o Mimos-Consciência e o Remorso sublime,
Derem sentença, enfim, ao teu tremendo crime.

Oreste Miraglia.

(Do *Prémio Castro Alves*.)

sada, desaparecendo na escuridão do largo. Os pyrilampos phosphoreavam no espaço como se quizessem illuminar o caminho ao transeunte. De subito, a moça estacou. Punho varonil e aspero a deteve o passo, e uma voz ameaçadora rugiu: «a bolsa ou a vida». Como um atomo de luz passou-lhe na mente a lembrança daquella voz, reconheceu o ancião e exclamou: «a bolsa não tenho, vida tu m'a deste meu pae, podes tira-la».

Joventina.

Palestras Collegiaes

Era no dia posterior ao aparecimento d' "A Chrysallida" e conversavam sobre ella, alguns dos quarto-annistas, intervallo das duas primeiras.

— Então, gostaram d' "A Chrysallida"?

Joãosinho—Oh! esplendida! Estou preparando um artigo para o outro numero!

Molina—Desculpa-me, mas, a segunda página apesar de bella, tinha um aspecto tristonho. Era uma *cena de luto, ao cahir da tarde*, à beira de um *vulcão em rução*. Lembrei-me de uma paisagem napolitana do Vésuvio, de surpreendente belleza melancolica...

Antonio—Eu acho o jornal muito pequeno; deveria ser maior, porque assim haveria espaço sufficiente para todos os artigos que apparecessem. Agora teremos mais jornalistas do que indios em Matto-Grosso!

Candido—Mas, não desdenhe: o articulista do editorial affirma que "Deus pôz as cousas maiores nas cousas pequeninas".

Ernesto—Fez-me lembrar daquelles versos do grande Guerra Junqueiro:

E' como a estrella d'alva: enche com o seu esplendor
O mundo, e ella não enche o calix de uma flor!

Crescencio—Isto do tamanho do jornal não é nada, o peor é que sahe de quinze em quinze dias...

Oswaldo—Penso que se deveria era fazer critica da rapaziada:

"Com a farinha da troça

Enfarinhando-lhe a cara,
como diria o nosso velho Guerra Junqueiro.

Clodoaldo—Para que? Isto não está na ordem do nosso programma. Não é conveniente a nós que formamos agora o nosso character.

Ezequiel—Eu gosto muito de rir e não aprecio jornaes que não tragam «alfinetadas», «cousas que encabulam», etc...

Luiz—Eu tambem. E sei perfeitamente que todo o brasileiro cultiva a chalaça como a sua pança.

Benjamin—Mas, é um defeito inominavel. Podemos e devemos mesmo cultivar a alegria sem arranhar a susceptibilidade alheia.

Pulcherio—Sim! Faça-se com que a flor do sorriso desabroche sem espinhos. O humorismo sadio é um raio de sol que canta no intimo do nosso espirito.

Alcyone—Muito mais do que o humorismo, meus collegas, alguma cousa nos enche o coração desta alegria de alvarada, cheia de perfumes e sons deliciosos, de

côres magicas e alleluias divinas: é o cumprimento dos nossos deveres e a desinteressada pratica do bem, é a realisação serena de ideal e a elevação do espirito ao altar da virtude e do saber.

Entrava o professor... e por sobre a conversa d' "A Chrysalida", cahiu uma duzia de theoremas de Geometria...

Déo.

Do amor ao crime

Numa dessas bellas e frescas manhãs de Maio, Arnaldo foi pela vez primeira, á capella de Maria Immaculada, que ficava á pequena distancia de sua casa.

Encontrava alli, nas orações, exhortadas do seu coração apaixonado, consolo daquelle mãe, que pelo amor de seu filho, tanto soffrera.

Pallido, pensativo e com passos indecisos, percorria a solitaria estrada, sem se preoccupar com a majestade da Natureza que o cercava.

As boninas e margaridas espalhavam-se sorridentes pelos prados; o céu risonho e bello, ostentava sua cor azul.

As florzinhas sylvestres entreabriram-se para receber a luz do dia, guardando ainda o orvalho, de uma longa noite hibernal.

Tudo nesse logar respirava alegria e prazer; só Arnaldo apathico a essas bellezas, caminhava cabisbaixo e triste.

Acima de tudo isso, uma cousa o preocupava...

Era um amor que alimentava por Clarice, a virgem loira de Satuby.

Tinha Arnaldo, como mãe, D. Judith, tão boa quão generosa que para elle tinha somente palavras de amor e caricias.

Mas elle vivia sempre triste.

Os conselhos de sua mãe e os pedidos que fazia para que elle esquecesse Clarice, só serviam para augmentar suas dores.

Não, dizia elle, bem sei que minha mãe me ama e que tudo faz por mim; mas como olvidar Clarice, sem comprehender a razão do desprezo que hoje me vota?...

E' preciso que eu conheça a causa; é preciso que arranque os espinhos que me privam dessa flor.

.....

Passaram-se os annos...

Arnaldo não tendo consegui-

do mesmo do céu, o que a terra lhe negava, resolveu, então beber.

Entra num bar e embriaga-se.

A bebida pôe-lhe allucinado.

Louco pega num punhal; o sangue nos olhos e o odio criminoso n'alma, Arnaldo correndo pela estrada a fóra procurava Clarice, para desfechar-lhe o golpe fatal.

Entre as flores, avista uma mulher que se confundia com ellas.

Era Clarice que brincava.

Sem hesitar, Arnaldo crava o punhal homicida no peito joven daquelle que tanto amára.

Não terminei ainda a minha vingança; dizia elle, ainda em delirio.

E correndo, volta em direcção a sua casa.

Ouve, porem, uma voz, igual á que sempre lhe aconselhava perto do altar da virgem.

—Para Arnaldo, que vaes fazer?...

Aquella voz divina, fez com que elle despertasse daquelle estado.

Na sua mão, viu elle um punhal ensanguentado.

Attonito, volta para o logar onde tinha feito o crime. Com o pezar n'alma e o verme corrosivo do remorso na consciencia Arnaldo olha para o corpo inerte de Clarice, exclamando:

Meu Deus! Como fui covarde ao matar Clarice!!..

Como não vacillou minha mão que empunhava a arma?!..

Arnaldo pela primeira vez chorou.

D. Judith, louca, procura o por toda parte. Encontra-se com elle e abraça o ternamente, deixando no seu rosto o beijo maternal.

Ella não podia proferir palavra.

O silencio prolongava-se..

Lagrimas corriam dos olhos de mãe e filho.

Emfim D. Judith ponde fallar:

A policia procura te.

—Meu filho, foge!...

—Não, não fugirei, replicou Arnaldo; hei reparar o meu monstruoso crime, na humidade fria do carcere, destinado aos desgraçados.

Cada vez mais pallido, tem uma syncope e o prostra por terra.

D. Judith sacode-lhe, chama-o.

Não responde.

Estava morto.

l'agerio

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

Chamuscada Literária

II

QUE MA' BRINCADEIRA!!!

Hoje, leitor, a chamuscada é em verso.
Xicote no mundo e ripa no universo!

E' noite. Tudo dorme, menos eu.
A flor de luz do campo azul do ceu,
Há muito que murchou. Há muito, não!
Há três horas ou mais, que a grande mão
Do grande jardineiro de nós todos,
(Da humanidade, emfim, dessa que em todos,
Vegeta há muitos anos sem um fito),
Escondeu-a nas folhas do infinito.

Mudo e sosinho, triste e pensativo,
Estou fumando como um turco altivo.
Em que penso? Não sei. Certo é na vida.
Na morte é que não é, nem na guarida.
Pois, ando firme nesta ideia «nova»
Que o prêmio deste mundo é a fria cova,
Que a gloria desta vida é a rija morte,
Que a paz de nossa bússola é no norte.
"Ora pois", no dizer do bom Gardês
Do velho e exímio professor de inglês)
Ora pois, sendo assim, pra que pensar
Na Parca negra e quando ha de chegar?
Póde ella vir a mim quando quizer!

Dá licença, leitor que eu vá ver? ...
Muito de leve alguém bateu a porta!

Ai... que susto meu Deus!... Na sombra morta
Que vejo eu?!... Um vulto?!... Um vulto estranho?!
Um traje negro, um rosto cor de estanho?!
Que em minha direção, leve caminha!
E olhando friamente se avisinha!
Quem diabo será por estas horas? ...
Quem brinca assim comigo? Ail... Sem demoras
E sem convite ao menos (que lhe importa!)
O vulto foi entrando a minha porta.

E agora reconheço o negro porte:
E' o da minha comadre. — a fria Morte.

Após a cerimônia costumada:
— A de ver a visita bem tratada:
Dando-lhe a mão, fazer com que se assente
E' o escânse um pouquinho fartamente,
Ela sentou-se junto á minha mesa,
De face pálida e de vista acesa,
Tendo na mão direita a grande espada,
E na esquerda uma foice envenenada,

Começando a dizer tristonha e aflita,
Qual era o fim daquela má visita:

«Eu vim te visitar, meu bom compadre,
«A mando do Senhor — do Eterno Padre—
«Chegou o momento de trocáres
«A enlameada terra pelos arés:
«Vamos!... Depressa!... Apronta-te ligeiro.
«Já demorei-me as sás ao sapateiro
«Para lustrar-me e reforçar-me as botas
«Que há muitos dias já que estavam rotas.
«E o velho Tempo passou e se consome!
«E digo-te a verdade: estou com fome...

A ti, leitor, entrego a descrição
Do medo que provou meu coração,
Ao ouvir esta fala imperativa,
De face á face a morte vingativa.
Já não via o universo como o vejo:
Era de estranha cor e bemfazejo.
A vida, o mundo, o lar e os meus amores
Tudo me parecia um berço em flores.
Vi-me nessora triste e apavorado,
Nas fúrnas dos infernos derrubado,
E um diabo a espetar-me vi furioso,
Que outros chamava para o mesmo goso
E vi Dante também roendo imbirá,
Tal e qual como aquelles que ele vira.
Emfim do medo resolvi dar cabo.
Mandando assim a morte pra o diabo,
Dizendo-lhe: «Não vou porque não posso»
Ela porem chegou-se-me ao pescoço,
E começou risónha a me apertar.
Dizendo: «O momento vai chegar!
Prepara-te!... Confessa-te contigo».
Relembra-te de Deus, o meu amigo!
E ferozmente me apertava tanto,
Que eu pedia e implorava em choro e pranto.

Mas num dado momento, (aureo momento) !...
Começou a afrouxar meu sofrimento.
Ela soltando o meu pescoço e um riso
Disse-me: Adeus! Tu não vais a o paraíso!
Eu te passei uma petá de civil,
Hoje é o primeiro albor do mês de Abril.»

E assim falando se afastou ligeira
Deixando-me a dizer: Que brincadeira! ...»

Cel. William Pachá.